

Esporte paralímpico: análise da produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Educação Física

Paralympic sport: analysis of production of thesis and dissertations of graduate programs in Physical Education

FERMINO AL, OLIVEIRA APV, TRINDADE NV, SOUZA DL, MARCHI JÚNIOR W. Esporte paralímpico: análise da produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Educação Física. *R. bras. Ci.e Mov* 2018;26(3):165-177.

RESUMO: O esporte para pessoas com deficiência tem paulatinamente ganhado visibilidade no campo midiático e acadêmico. Este estudo, de caráter descritivo e interpretativo, teve como objetivos (1) Levantar as teses e dissertações de cunho qualitativo produzidas pelos programas de pós-graduação em educação física até 2015 que abordam temáticas relacionadas com o esporte paralímpico e que possuem um enfoque nas dimensões socioculturais e pedagógicas desta manifestação esportiva. (2) Correlacionar estes trabalhos com o modelo analítico do esporte proposto por Marchi Jr em seu trabalho intitulado “O esporte ‘em cena’: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. Uma revisão da literatura com recorte temático foi realizada seguindo quatro etapas. A etapa preliminar consistiu no levantamento das teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) produzidas até o ano de 2015, utilizando os descritores “paraolímpico”, “paralímpico”, “paradesporto”, “paraatleta” e “para-atleta”. A segunda etapa envolveu a seleção dos trabalhos de acordo com os objetivos do estudo. A terceira etapa consistiu na leitura na íntegra dos trabalhos selecionados. A quarta etapa envolveu o levantamento dos metadados dos trabalhos, técnicas de pesquisa, matrizes teóricas, análises e resultados dos estudos. Com base no modelo analítico utilizado, ficou evidenciado que as dimensões do esporte mais recorrentes nas teses e dissertações analisadas são a educação, o espetáculo e a estética.

Palabras-chave: Esporte Paralímpico; Pessoas com Deficiência; Teses; Dissertações.

ABSTRACT: Sport for people with disabilities has been gaining increasing visibility in the media and in the academic field. This descriptive and interpretative study had as objectives: (1) To raise the theses and dissertations of a qualitative nature produced by postgraduate programs in physical education up to 2015 that deal with themes related to the Paralympic sport and that have a focus on the sociocultural and pedagogical aspects of this kind of sport. (2) To correlate these works with the analytical model of the sport proposed by Marchi Jr in his work entitled “The sport ‘on the scene’: historical perspectives and conceptual interpretations for the construction of an analytical model”. A review of the literature with a thematic approach was carried out following four steps: The first step consisted of a survey of the theses and dissertations of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) of the Brazilian Institute for Information in Science and Technology (IBICT) produced by 2015 using as keywords: "Paralympics", "Paralympic" "parasports" "paraatleta" and "para-athlete". The second step was the selection of the studies according to the research goals. The third stage consisted of reading the entire works that were selected. The last step involved the collection of the studies metadata and of their research techniques, theoretical frameworks, and results. Based on the analytical model used, it was evidenced that the most recurrent dimensions of Paralympic sport that appeared in the theses and dissertations analyzed are education, spectacle and aesthetics.

Palavras-chave: Paralympic Sports; People with Disabilities; Theses, Dissertations.

Antônio Luis Fermino¹
Amanda P. V. Oliveira¹
Nadyne V. Trindade¹
Doralice Lange de Souza¹
Wanderley Marchi Júnior¹

¹Universidade Federal do Paraná

Recebido: 02/09/2016

Aceito: 03/12/2018

Contato: Amanda Paola Velasco de Oliveira - amandavelasco.18@gmail.com

Introdução

A produção do conhecimento em programas de pós-graduação tem sido cada vez mais pressionada por órgãos de fomento, como por exemplo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seja por meio de critérios internacionais ou pelo sistema de classificação de periódicos criada pela instituição brasileira de fomento, o *Qualis*. Como destacam Silva, Gonçalves-Silva e Moreira⁴⁴, por um lado o sistema de avaliação tem sido benéfico, pois, promove a divulgação do conhecimento produzido através de eventos científicos e periódicos. Por outro lado, no entanto, ele acelera o processo de produção, o que pode afetar a qualidade dos trabalhos, e diminuir o tempo de defesa das teses e dissertações.

Ao discutir sobre a produção do conhecimento em Educação Física (EF), Kunz⁴⁵ argumenta que a mesma tem sido marcada por uma lógica de “[...] produções apressadas, sem a menor preocupação com as necessidades regionais ou nacionais” (p. 11). Especificamente no campo do esporte paralímpico, tema deste trabalho, os estudos com abordagem qualitativa, ou seja, que priorizam um mergulho aprofundado em aspectos socioculturais e pedagógicos desta manifestação esportiva representam uma parcela pequena de trabalhos. Um levantamento realizado pelo projeto Inteligência Esportiva¹, realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná com o financiamento do Ministério do Esporte, referente à produção científica disponível *online* relacionado com modalidades paralímpicas, indica que entre os 52 artigos localizados, um total de apenas nove artigos (17,3%) utilizou abordagens de cunho qualitativo². Dentre estes nove estudos, dois abordavam aspectos relacionados à educação, três discutiam questões socioculturais do esporte, três versavam sobre o desenvolvimento de alguma modalidade paralímpica e um explicava sobre as categorias dos jogadores de uma modalidade esportiva (tênis em cadeira de rodas).

As especificidades evidenciadas em análises qualitativas sobre o esporte paralímpico lançam o desafio de se buscar possibilidades analíticas que superem as propostas de conceituação do esporte dentro de categorias restritas e fechadas. Ou seja, o mesmo pode e deve ser entendido como um fenômeno polissêmico. Neste sentido, o modelo analítico do esporte proposto por Marchi Júnior³ apresenta-se como uma possibilidade interessante, uma vez que busca tratar das diferentes tendências, relações e consequências do fenômeno esportivo na sociedade contemporânea. Este modelo aborda cinco dimensões do esporte: 1) Emoção - análise sobre o efeito das práticas esportivas no nível de excitação tanto dos indivíduos que praticam o esporte quanto dos expectadores; 2) Estética - reflexões a partir do sensível e daquilo que remete a determinados estilos de vida; 3) Ética - leitura a partir das regras, normas e valores socialmente construídos; 4) Espetáculo - reflexão sobre os processos de mercantilização, midiaticização, profissionalização, globalização do esporte e suas relações com as demandas econômicas; 5) Educação - leitura a partir de uma perspectiva formativa que interliga as demais dimensões.

A ênfase do modelo de Marchi Júnior repousa no aspecto relacional estabelecido entre esporte e sociedade. Para isso, o autor lança mão da categoria sociológica do mimetismo social proposto por Elias e Dunning⁴, a partir da qual se busca entender as interdependências funcionais que se estabelecem entre os indivíduos e as estruturas sociais, arranjados dentro de certas configurações. Buscando paralelos entre o “universo esportivo” e processos sociais mais amplos, o autor propõe um percurso analítico que trate das “interconexões entre contextos, dimensões e polissemia” do esporte³ (p.58).

¹ O projeto de pesquisa “Inteligência Esportiva” é uma ação conjunta entre o Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR) do Ministério do Esporte. Mais informações em: <http://inteligenciaesportiv.hospedagemdesites.ws/inicio/> e <http://www.neppe.ufpr.br>.

² A pesquisa qualitativa tem por característica a interpretação dos dados de maneira que métodos estatísticos – no caso, pesquisas quantitativas – não conseguem aprofundar devido a sua rigidez. Dessa forma, os dados podem ser coletados de diferentes maneiras, como por exemplo: documentos, histórias de vida, meios de comunicação, observação de um determinado grupo social e sua análise pode ter diferentes olhares, dependendo de quem observa o fenômeno.



Figura 1. Modelo Analítico do Esporte: 5 E's, proposto por Marchi Junior (2015).

Considerando o contexto exposto até então, desenvolvemos um trabalho com os seguintes objetivos: (1) Levantar as teses e dissertações de cunho qualitativo produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Educação Física até 2015 que abordam temáticas relacionadas com o esporte paralímpico e que possuem um enfoque nas dimensões socioculturais e pedagógicas desta manifestação esportiva. (2) Correlacionar estes trabalhos com o modelo analítico do esporte proposto por Marchi Júnior. Fazemos aqui duas observações em relação aos objetivos propostos. Primeira, quando falamos em “Programas de Pós-Graduação em Educação Física” incluímos não apenas programas com este mesmo nome, mas também programas diretamente relacionados com a Educação Física tais como Ciências do Esporte e Ciências do Movimento Humano. Segundo, quando falamos em dimensões socioculturais e pedagógicas do esporte, nos baseamos em Manoel e Carvalho⁵, que classificam a produção do conhecimento no campo da educação física em três grandes áreas: Biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Conforme explicam estes autores, a área biodinâmica é norteada pelas ciências naturais e enfocam em temáticas tais como fisiologia e bioquímica do exercício, aprendizagem e controle motor, treinamento e nutrição. Já as áreas sociocultural e pedagógica são norteadas pelas ciências sociais e humanas. A área sociocultural “trata de temas como esporte, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia” (p. 392). Já a área pedagógica “investiga questões relativas à formação de professores, ao desenvolvimento curricular, aos métodos de ensino e à pedagogia do esporte, além de tratar de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação” (p.392).

Materiais e métodos

Este trabalho é de cunho descritivo e interpretativo. A coleta e organização dos dados passaram por quatro etapas. A primeira consistiu no levantamento das teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>) produzidas até o ano de 2015. Optou-se por utilizar os dados da BDTD, pois ela integra, em um único portal, os sistemas de informação de teses e dissertações existentes no país, possibilitando a busca e acesso unificado aos documentos de 105 instituições. A busca foi feita com base nos seguintes descritores: “paraolímpico”, “paralímpico”, “paradesporto”, “paraatleta” e “para-atleta”³. Um total de 49 trabalhos foram encontrados. A segunda etapa consistiu na leitura dos títulos e resumos dos trabalhos e na seleção dos estudos que fariam parte da análise: apenas artigos de cunho qualitativo e que enfocavam aspectos socioculturais e pedagógicos do esporte. A terceira etapa envolveu a leitura na íntegra dos 16 trabalhos que foram selecionados: 13 dissertações de mestrado e três teses de doutorado. A quarta etapa abarcou um levantamento de dados

³ Haveria a possibilidade de se utilizar mais descritores abrangendo modalidades paralímpicas. No entanto, optou-se por estes quatro por estarem mais direcionados à pergunta problema e ao panorama mais geral que se buscava analisar.

relativos ao ano de defesa, nome da instituição e do programa de pós-graduação, orientador, banca de defesa, técnicas de pesquisa, principais matrizes teóricas e autores utilizados nas análises e resultados do estudo⁴.

A análise de dados se baseou no modelo analítico do esporte proposto por Marchi Junior³. Inicialmente pretendíamos adotar as cinco dimensões apontadas pelo autor: Educação, Espetáculo, Estética, Emoção e Ética. No entanto, enfocamos as análises apenas nas três primeiras dimensões, uma vez que elas melhor representavam os conteúdos abordados pelos trabalhos que fizeram parte do escopo deste estudo.

Resultados e discussão

Quadro 1. Relação das teses e dissertações produzidas sobre o esporte paralímpico nas áreas sociocultural e pedagógica da Educação Física considerando as dimensões a que pertencem.

| Instituição | Natureza/ Ano | Título | Autor | Orientador |
|---|-------------------|--|-------------------------------------|------------------------------|
| EDUCAÇÃO | | | | |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2014 | Modelos de Projetos de natação para pessoas com deficiência visual | Bruna Bedariol | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Tese-2009 | Medalhistas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado | Rachel Barbosa Poltronieri Florence | Paulo Ferreira de Araújo |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2012 | O Taekwondo como modalidade paradesportiva | Jacqueline Martins Patatas | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2013 | O ensino do esporte paralímpico na escola a partir da visão dos professores: o caso do goalball e do voleibol sentado | Tiago Borgmann | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2008 | Esporte Educacional e deficiência: encontros desportivos no contexto escolar | Afonsa Janaína Silva | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2013 | Mercado e tradição: os colonistas esportivos e a construção da identidade da seleção brasileira de futebol na Copa de 2002 | Luis Gustavo de Souza Pena | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2007 | Iº Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos: Um estudo de caso | Regina Matsui | José Júlio Gavião de Almeida |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Dissertação -2011 | Comitê paralímpico Brasileiro: 15 anos de história | Tatiane jacusiel Mirana | Edison Duarte |
| Universidade Católica de Brasília (UCB) | Dissertação -2013 | Centro de iniciação Desportiva Paralímpica no distrito Federal: um estudo na ótica da educação inclusiva | André Luis Normaton Beltrame | Tânia Vieira Sampaio |

⁴ Utilizamos o roteiro de leitura e análise de dissertações e teses elaboradas pelos Profs. Drs. Giovani de Lorenzi Pires e Fernando Gonçalves Bittencourt na disciplina de Seminário Avançado de Pesquisa em Educação Física e Mídia-2011/3 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física – UFSC. Este roteiro consiste em cinco etapas: 1- Dados de identificação (metadados); 2 – Apresentação geral do trabalho (divisão de capítulos, seções, bibliografias, anexos e apêndices); 3 – Metodologia (apresentação e delimitação do tema, constituição do problema de pesquisa, justificativas, objetivos ou questões de investigação, método, fundamentação e procedimentos de análise); 4 – Quadro teórico de referência (matriz epistemológica, grupos conceituais e diálogo literatura/campo); 5 – Achados da pesquisa (apresentação e discussão dos dados, categorização e considerações finais).

| | | | | |
|--|--------------------|---|--------------------------------------|------------------------------|
| Universidade Federal de Viçosa (UFV) | Dissertação - 2012 | Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência | Dalila Tâmara Benfica | Eveline Torres Ferreira |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Dissertação - 2015 | Atletas Deficientes visuais sul rio grandense nos Jogos Paralímpicos: cenários e memórias | Eduardo Klein Carmona | Janice Zarpello Mazo |
| Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Dissertação - 2014 | Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro | Rafael Stevam Reis | Fernando Marinho Mezzadri |
| Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Dissertação - 2015 | Cultura esportiva: um possível legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016? | Ana Paula Prestes de Souza | Doralice Lange de Souza |
| ESPETÁCULO | | | | |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Tese - 2010 | O esporte paralímpico no Brasil: abordagem da Sociologia do esporte de Pierre Bourdieu | Renato Francisco Rodrigues Marques | Gustavo Luis Gutierrez |
| ESTÉTICA | | | | |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Tese - 2004 | Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea | Ruth Eugênia Amarante Cidade e Souza | Maria Beatriz Rocha Ferreira |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Dissertação -2006 | O híbrido paraolímpico: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas | Varlei de Souza Novaes | Silvana Vilodre Goellner |

Conforme o quadro acima, dos dezesseis trabalhos que entraram no escopo da pesquisa, dez são frutos de trabalhos devolvidos na UNICAMP (três teses e sete dissertações). Houve duas dissertações desenvolvidas na UFPR e na UFRGS, bem como um trabalho de dissertação na UFV e um na UCB. A dimensão “educação” concentrou o maior número de trabalhos: doze dissertações e uma tese de doutorado. Oito destes trabalhos são da UNICAMP, sendo que seis deles, todas dissertações, do mesmo orientador: o professor José Júlio Gavião de Almeida. A UFPR é a segunda instituição com maior número de publicações que se encaixam nesta dimensão, com duas dissertações, seguida pela UFRGS, com uma dissertação. A dimensão “estética” contou com dois trabalhos, uma tese desenvolvida no ano de 2004 pela UNICAMP e uma dissertação em 2006 pela UFRGS. No campo do espetáculo, houve apenas uma tese de doutorado da UNICAMP. A seguir faremos a apresentação e discussão dos trabalhos analisados organizados de acordo com as dimensões a que pertencem.

Educação

As teses e dissertações que se encaixaram na dimensão “educação” evidenciam um esforço por parte dos autores de incorporar uma discussão sobre os aspectos didático-metodológicos do ensino do esporte adaptado no contexto escolar. Tendo o esporte paralímpico e suas diversas manifestações como eixo norteador das análises, é possível identificar que os objetivos gerais e os aspectos destacados na conclusão destes trabalhos deram ênfase a cinco aspectos em particular: 1) a formação de professores de Educação Física⁶⁻¹²; 2) a educação inclusiva na escola^{11,10,13}; 3) o financiamento do paradesporto educacional na política nacional do esporte^{10,14}; 4) barreiras e facilitadores na formação esportiva de pessoas com deficiência (PCDs)^{8,10,11,15,16}; e 5) o papel formativo da Educação Física escolar^{17,10,11}.

A formação do professor de EF, o papel das instituições de ensino superior na formação inicial e a insegurança dos profissionais para atuarem com o esporte adaptado foram debatidos em alguns desses estudos^{7,8,9,11,18}. Pode se observar nestes trabalhos um certo grau de interdependência entre os seus objetos de problematização. Dois fatores são apontados como imperativos para uma reconfiguração do contexto de formação de professores de EF: O primeiro é o aumento no número de alunos com deficiência matriculados nas escolas regulares e que, naturalmente, necessitam de

condições adequadas para que o direito de participar das aulas de EF seja assegurado^{8,11}. O segundo se relaciona como o desenvolvimento e aumento da divulgação do esporte paralímpico, o que representa a expansão do campo de atuação profissional da área e, ao mesmo tempo, exige professores com um perfil mais especializado^{7,9,18}.

Para Patatas⁹, a preocupação com a qualidade da formação dos professores de EF para atuar com pessoas com deficiência (PCDs) deve se fazer presente tanto na formação inicial quanto na continuada, uma vez que a demanda de atuação com o esporte adaptado se dá tanto nos espaços formais quanto informais de ensino. Beltrame⁶ reforça essa preocupação a partir da análise sobre a atuação dos treinadores, quando identificou que a prática pedagógica desses profissionais estava distante das regulamentações sobre o serviço de apoio especializado do centro de iniciação esportiva em questão. De fato, certa defasagem em relação às demandas por uma educação inclusiva e ao próprio desenvolvimento do esporte paralímpico é identificado nas falas de atletas diretamente ligados ao movimento paralímpico e nas falas dos próprios professores e graduandos^{7,9,10,8,11}.

Ainda com a autora Patatas⁹ ao analisar os depoimentos dos atletas sobre suas trajetórias no esporte paralímpico os mesmos trouxeram apontamentos sobre profissionais não qualificados lidarem com os aspectos culturais, sociais e psicológicos que envolvem a experiência de PCDs em uma sociedade onde o que alguns autores chamam de “ableist ideology”^{5,19}, contribui para a construção de estigmas¹¹. Na mesma direção, surgem indicativos de que o quadro de profissionais ligados à formação técnico-esportiva de atletas com deficiência carece da competência técnica necessária para intervir no contexto do esporte de alto rendimento dentro das especificidades das modalidades paralímpicas^{9,10,8}. Em Patatas⁹ e Silva¹¹, o depoimento dos professores sobre as inseguranças e o despreparo para atuar com PCDs traz à tona a necessidade de se compreender o processo de formação que é oferecido pelos cursos de EF.

De acordo com Pena⁷, discentes e docentes reforçaram a importância das disciplinas que tratam do esporte adaptado, enfatizando o papel fundamental das vivências práticas na formação inicial. A formação dos professores que ministram as disciplinas na graduação, a estrutura física das instituições de ensino superior e a carga horária das disciplinas são aspectos que, para o autor, podem ser tanto favoráveis quanto desfavoráveis no processo formativo. Além disso, a possibilidade de participação em atividades extracurriculares como projetos de extensão, campeonatos, palestras, grupos de pesquisa e outros espaços, contribui positivamente para uma aproximação com o campo de intervenção e para com possibilidades de atuação profissional posteriormente. Assim, no que diz respeito à formação inicial, a prática como componente curricular destaca-se como elemento fundamental na preparação do professor para intervir no campo profissional, seja na escola ou em outros contextos^{9,7}.

As concepções de inclusão presentes no discurso e na intervenção pedagógica de professores orientou a análise de alguns trabalhos^{11,6,13}. Como resultado, observou-se que o modelo médico⁶ e a perspectiva de reabilitação e/ou correção física permeia o discurso e a prática de alguns destes professores¹¹. Florence¹⁰ e Silva¹¹ compreendem que a área da EF escolar já produziu discussões que poderiam subsidiar uma intervenção pedagógica com PCDs e que, possivelmente, as dificuldades de se trabalhar a inclusão das aulas de EF estejam atreladas a um passado em que a hegemonia do conteúdo esportivo e as perspectivas tecnicistas marcavam o direcionamento das aulas.

O sumário das análises levantadas pelos trabalhos citados anteriormente conduz a uma reflexão por meio do que será chamado aqui de “tripé bourdieusiano”, formado a partir de alguns dos objetivos que Pierre Bourdieu procurou efetivar através de suas teorias. Este tripé trata do engajamento político²⁰, da competência técnica²¹ e da autonomia intelectual²². Os trabalhos levantados reúnem problematizações acerca da competência técnica limitada daqueles que são responsáveis por desenvolver um trabalho com o esporte adaptado, em suas diferentes manifestações, o que interfere negativamente na experiência dos alunos e atletas^{10,8} e na autoconfiança dos professores^{9,11}. De modo semelhante, uma autonomia intelectual reduzida implica na consolidação de fronteiras acadêmicas e culturais que impedem os diálogos e as reflexões que conectam diferentes disciplinas. Temas como a educação inclusiva, o esporte adaptado e a formação esportiva têm sido debatidos sob a luz de diferentes áreas do conhecimento, o que exige uma superação das fronteiras que marcam os discursos e a prática desses profissionais ligados com a educação. Por fim, o engajamento político com

⁵ Alguns autores têm traduzido esta expressão como “ideologia capacitista”. Conforme aponta Coakley (2014), esta ideologia tem como base o pressuposto de que as pessoas são e/ou devem ser avaliadas a partir de certos parâmetros de normalidade estabelecidos por valores hegemônicos em uma determinada sociedade.

⁶ Este modelo se refere a uma maneira de se pensar a deficiência onde a mesma é percebida como uma doença a ser curada e problema a ser resolvido pelo próprio indivíduo e por uma equipe médica. Neste modelo ignora-se que a deficiência está atrelada a barreiras de acessibilidade e exclusão social (COAKLEY, 2009; GAUDENZI, ORTEGA, 2016).

o tema implica em compromisso social por parte dos professores em favor da superação das condições de desigualdade, dos estigmas e das barreiras que limitam as experiências das PCDs em diferentes ambientes de formação como a escola, o clube, projetos sociais, entre outros espaços.

Silva¹¹ e Matsui¹² investigaram duas competições escolares idealizadas por confederações ligadas ao esporte paralímpico no Brasil. À primeira vista, a criação destes campeonatos inaugura novas possibilidades no que diz respeito à inclusão de alunos com deficiência que têm pouca ou nenhuma possibilidade de participação nos jogos escolares nacionais. Nesse sentido, a criação destes campeonatos representa um avanço. No entanto, sabe-se que a realização dos jogos escolares nacionais é alvo de questionamentos em virtude de seu caráter eminentemente excludente que reproduz as lógicas do esporte de rendimento e, portanto, não oportuniza a igualdade de participação²³. Logo, questionam-se os moldes em que essas competições paradesportivas são organizadas, entendendo que elas podem adotar um caráter excludente dependendo dos encaminhamentos que são adotados. Ou seja, se essas competições tiverem um caráter competitivo e de rendimento, só os atletas mais qualificados serão selecionados.

Na percepção de Matsui¹², os jogos organizados pela Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) – hoje, Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais (CBDV) - não reproduziam um modelo de esporte de alto rendimento, possibilitando aos participantes a vivência de diferentes modalidades esportivas. Entretanto, de acordo com a autora, essas competições serviram para a detecção de novos talentos para a formação de base, mesmo isto não aparecendo de forma explícita nos objetivos da instituição. Silva¹¹ problematizou a realização do Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico e sua vinculação com o Projeto Paraolímpicos do Futuro. Para ela fica claro que o modelo de competição em voga buscava desenvolver e consolidar o esporte paralímpico no território nacional, o que desvirtuaria o caráter educativo e inclusivo que se busca promover nos discursos sobre essas competições.

Se por um lado a realização de competições voltadas exclusivamente para as modalidades paralímpicas pode oportunizar experiências esportivas extracurriculares para alunos com deficiência, as orientações dessas competições precisam estar alinhadas com os objetivos da EF escolar. Evidentemente, quando o que se objetiva nessas competições é a formação e a detecção de atletas, fica marcado um distanciamento das necessidades intrínsecas ao universo escolar, o que representa uma barreira à autonomia pedagógica e ao caráter formativo da EF. Nesse sentido, as competições escolares paradesportivas podem servir tanto como facilitadores quanto como barreiras para o processo de experiências e conhecimentos relacionados com a atividade física e o esporte adaptado.

A falta de investimentos para a participação em competições, na estrutura e na capacitação de recursos humanos é apontada como uma barreira para a formação esportiva^{15,8,9,10,11}. No que diz respeito ao financiamento público no esporte paralímpico, Reis¹⁴ verificou que apesar de não haver uma política específica de financiamento, o esporte paralímpico é contemplado na Política Nacional de Esporte, com o financiamento do Ministério do Esporte por meio da Lei de Incentivo ao Esporte, da Lei Agnelo/Piva e do Bolsa Atleta. No entanto, a maior parte dos recursos é repassada por meio do programa Bolsa Atleta^{10,8,14}, ou seja, destina-se ao desenvolvimento do esporte de rendimento – esfera que poderia buscar outras formas de financiamento¹. De acordo com Reis¹⁴, o esporte paralímpico de alto rendimento chega a receber mais recursos do que o esporte olímpico, se consideradas as devidas proporções em número de atletas olímpicos e paralímpicos. Fica evidenciado que a distribuição atual dos recursos é uma barreira ao desenvolvimento de ações para o fomento do esporte educacional e de participação, esferas que dificilmente podem buscar investimentos privados e que deveriam ser priorizadas nas ações do Estado na busca pela consolidação dos direitos fundamentais das PCDs.

Do ponto de vista dos atletas paralímpicos, o programa Bolsa Atleta representa um facilitador para o desenvolvimento do esporte paralímpico oportunizando novas perspectivas financeiras, culturais e educacionais e, conseqüentemente, maior reconhecimento e visibilidade social^{8,1,10}. Entendemos que embora as oportunidades individuais que alguns atletas possuem ao longo de sua carreira esportiva representem indicadores positivos das políticas de desenvolvimento do esporte paralímpico, estas não devem ser tomadas como indicadores de sucesso enquanto políticas de formação e democratização do esporte. Ao contrário, deve-se reconhecer que o pouco investimento no esporte educacional e participativo representa uma barreira para o envolvimento com o esporte paralímpico por parte de grande parte da população de PCDs.

Marchi Júnior³ alerta para os riscos de uma leitura unidimensional da realidade ao se analisar a dimensão educacional de modo isolado. Para o autor, os diferentes fluxos sociais, como a crescente influência política e econômica, a construção das narrativas sobre o esporte pela mídia, as construções estéticas, os valores e comportamentos promovidos

pela sociedade e as disputas por elementos e objetos de distinção no campo esportivo, são indissociáveis à dimensão educacional do esporte. Desta forma, esse olhar por meio de um viés sociológico permite que se estabeleçam *links* entre os desafios da EF escolar, a exacerbação do aspecto competitivo em diferentes contextos formativos, as prioridades na distribuição dos recursos e o papel das instituições de ensino superior e do poder público.

Espetáculo

O esporte-rendimento é frequentemente associado ao esporte-espetáculo, que tem como características estruturantes “a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; a geração e constituição de ofertas e demandas; seu apelo motivacional e emocional; plasticidade e viabilidade midiática; capacidade de comunicação e interferência global; e mobilização populacional”³ (p. 21). Na mesma direção, Bracht²⁴ define o esporte-espetáculo como a “transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa” (p. 13).

O processo de espetacularização do esporte perpassa o que Marchi Jr.³ denominou como “tese dos estágios”, referindo-se às etapas de amadorismo, institucionalização, profissionalização e mercantilização das práticas corporais. Assim, nesse processo, o esporte se transforma em um bem de consumo mesmo para pessoas que não praticam esporte, na medida em que estas se tornam expectadoras e consumidoras de produtos e serviços esportivos²⁵. A influência do esporte-espetáculo pode ser materializada, sobretudo, a partir dos canais midiáticos e da sensação de que, ao consumir os produtos utilizados por atletas de alto rendimento, o praticante amador se torna parte desse fenômeno sociocultural.

A tese de doutorado de Marques¹ - o único trabalho do levantamento que se encaixou na dimensão “espetáculo” - discute a profissionalização do esporte paralímpico e sua transformação em esporte-espetáculo. Para o autor, embora o esporte paralímpico tenha características que convergem com o esporte olímpico, é um subcampo do campo esportivo relativamente novo, em ascensão, e que se estrutura a partir do segundo²⁶. Para se concretizar como um subcampo, o movimento paralímpico passou a adotar a ideologia do profissionalismo e da mercantilização para se desenvolver e conquistar espaço no campo esportivo. No entanto, apesar das diferentes estratégias empregadas para facilitar a inserção do esporte paralímpico na mídia, a cobertura televisiva dos Jogos Paralímpicos ainda é incipiente, sendo quase inexistente quando comparada à cobertura dos Jogos Olímpicos^{27,28}.

As mídias têm um papel fundamental no desenvolvimento do esporte paralímpico e, partindo de suas características de veiculação, estão fortemente relacionadas à perspectiva da emoção. São recorrentes as histórias de cunho melancólico ou dramático de atletas paralímpicos na mídia. Geralmente são histórias tristes que retratam os desportistas como vítimas, ignorando suas performances esportivas²⁹, ou ainda, histórias de superação de dificuldades por ele enfrentadas, transformando-os em heróis^{30,31}. Ambas as narrativas carregam o apelo emocional por meio da história de superação como forma de conquistar o interesse do público espectador.

O campo midiático é constituído por alianças entre grandes conglomerados industriais que endossam as relações mercantis no campo esportivo, transformando o esporte em um bem a ser consumido pela sociedade³². É a partir disso que se estrutura, por exemplo, a monocultura esportiva³³ que privilegia as modalidades que trazem maior retorno financeiro. Em sua tese, Marques¹ argumenta que é nesse contexto que o esporte paralímpico encontra dificuldades para se inserir no campo midiático, pois as competições são extensas e a multiplicidade de classes⁷ dificulta a compreensão das modalidades e a transmissão das competições.

Se por um lado, o elevado número de classes dos atletas pode causar o desinteresse dos expectadores pelo esporte paralímpico, a diminuição do número de classes pode implicar em certa “elitização das deficiências”, conferindo vantagem aos atletas com menor grau de comprometimento físico. Algumas pessoas envolvidas com o esporte paralímpico são favoráveis à redução do número de classes, pois entendem que esse é um acontecimento inevitável dentro do processo de adequação às exigências midiáticas e da espetacularização do esporte paralímpico; entretanto, isso compromete o ideal do movimento paralímpico de inclusão e oportunidade de participação³⁴.

O processo de profissionalização do esporte paralímpico suscita um debate sobre a espetacularização, a emoção e a ética do esporte. A adaptação mercadológica do movimento paralímpico coloca em xeque a promoção do empoderamento e aceitação de todos os graus e tipos de deficiência. É possível que este seja mais um momento de descaracterização do esporte paralímpico, na qual, além das questões ligadas à espetacularização, o advento da tecnologia e a utilização de

⁷ A classe corresponde à categoria que o atleta é designado para competir de acordo com o grau de funcionalidade e mobilidade de seus membros⁴⁶.

equipamentos (cadeiras de rodas, próteses) cada vez mais caros trazem à tona o debate sobre o caráter excludente das competições.

Estética

Na discussão sobre a estética é possível elencar diferentes fatores que contribuem para a leitura e análise de trabalhos com um foco nesta dimensão, possibilitando maneiras distintas de se refletir sobre o que está apresentado, pois “seja no senso-comum, na manipulação dos meios de comunicação ou na racionalidade técnica, a experiência estética é parte da realidade social e, como tal, faz-se presente nas ações individuais e coletivas”³⁵ (p. 22).

As discussões sobre o corpo e as performances compõem um amplo campo para se pensar o esporte paralímpico a partir da estética. Nesta perspectiva, pode-se buscar uma desconstrução dos estereótipos promovidos principalmente pela mídia, na medida em que ela reforça determinados padrões de beleza e desconsidera os feitos esportivos dos atletas paralímpicos. Para Lipovetsky e Serroy³⁶ “trata-se de criar beleza e espetáculo, emoção e *entertainment*, para conquistar mercados” (p.47), onde a criação de estilos de vida gera transformações na vida social e desencadeia novos olhares para as questões morais e estéticas que se transformam continuamente e buscam atender os anseios da sociedade em que vivemos.

O olhar sobre o corpo enquanto construção social e cultural tem sido proposto por diferentes campos do conhecimento. Busca-se uma desconstrução da condição estática e determinista que se tem a partir da biologia e a (re) interpretação do corpo a partir de diferentes olhares. Afinal, “conceber o corpo como elemento histórico-cultural inevitavelmente confere ao corpo uma definição também mais abrangente e convida para o diálogo outros campos do conhecimento, que, por sua vez, ampliam a noção de corpo”³⁷ (p. 99).

O debate no campo da estética também envolve os meios de produção da atividade humana, despertando os sentidos de estranhamento e semelhanças, do sensível ao grotesco. Busca-se compreender no outro os diferentes significados que possam ser atribuídos, assumindo-se que é através do outro que se reconhecem os valores, as regras e as técnicas que nele são interiorizadas. A este ponto, fica evidente que os princípios que viabilizam a vida em sociedade, como o respeito ao outro, as diferentes formas de agir política, social e culturalmente, atravessam o debate neste campo proporcionando um olhar crítico sobre a maneira como refletimos sobre o mundo.

Dentro dessa perspectiva, a dissertação de Novaes³⁸ buscou compreender os significados que atravessam o corpo dos atletas cadeirantes a partir da relação que estabelecem com a tecnologia durante a performance esportiva. A reflexão sobre o corpo apresentada em seu trabalho constitui-se a partir do que ele veio a chamar de “ciborgue”, onde as qualidades fisiológicas se fundem com elementos tecnológicos. Para o autor, “a interação do corpo com esses novos componentes tecnológicos revela uma experiência estética, que nos coloca diante de uma redefinição de fronteiras entre o orgânico e o tecnológico, assumindo possibilidades que rompem os limites de nossa representação” (p.37).

Para Zoboli *et al.*³⁹, “em meio a essa simbiose corpo/tecnologia, o ser humano vai incorporando realmente em seus corpos essas tecnologias, resultando em novas configurações – o híbrido” (p. 166); ou seja, há uma reconstrução do corpo a partir do uso de próteses, de um corpo geneticamente modificado, ultrapassando os limites do humano. A tecnologia representa a transgressão dos limites entre o natural e artificial, o que levou Novaes³⁸ a denominar o corpo transgressor e transgredido desses atletas como “híbrido paraolímpico” (p.124). Esta definição qualifica a reflexão de que, essas novas configurações desencadeiam na potencialização desse corpo, na busca da quebra de fronteiras estabelecidas entre o corpo e a máquina.

Cabe ressaltar que a ideia do ciborgue interpretativo utilizada pelo autor é baseada em Lemos⁴⁰, que afirma que os meios de comunicação são os protagonistas da construção do ciborgue. Isto é, a mídia produz discursos que possibilitam o controle dos corpos nos mais variados contextos em que os sujeitos estão inseridos. Estes discursos são criados obedecendo a um determinado período histórico e racionalidade. Eles são frutos da relação entre o homem e o mundo, das práticas de manifestações discursivas e das relações de poder, que por sua vez também estão ligadas a um campo de saber que se identifica como “jogos estratégicos”.

No campo do espetáculo ou como mencionado por Debord⁴¹, na sociedade do espetáculo, os jogos estratégicos se caracterizam na produção de diferentes perspectivas da construção da informação. Seja pelo enquadramento das imagens, pela manchete de alguma notícia ou pela narração do repórter, criam-se formas que comprometem os elementos que compõem as diferentes manifestações do esporte. Hilgemberg²⁹, entre outros autores, ressalta que as notícias sobre os atletas paralímpicos muitas vezes os retratam a partir da deficiência e não de seus feitos esportivos. Deste modo, a

deficiência e os estereótipos de coitadinho, vítima ou de superação compõem o roteiro das notícias que permeiam a sociedade do espetáculo.

Goffman⁴² possibilita uma reflexão sobre a questão de estigmas a partir de dois conceitos: *A identidade social real*, ou seja, da reflexão sobre o outro a partir do seu olhar – neste caso do olhar da pessoa com deficiência - e de sua maneira de explicar o mundo; e a *identidade social virtual*, que representa aquilo que é imposto com base em pré-conceitos, normas e valores sociais. Ambos estes conceitos induzem à reflexão sobre como a demarcação de fronteiras que é estabelecida dentro da sociedade define quem faz parte e quem não faz parte de um determinado grupo, culminando na construção da identidade social do atleta^{8,43}. Neste contexto, destaca-se a fala de um atleta encontrada na tese de Souza⁴³, em que evidencia-se a maneira como são estabelecidas as normas que caracterizam os sujeitos estigmatizados: “Porque se a gente não fosse atleta, era apenas um coitadinho... você só é visto, quando você é atleta. Se você não for uma pessoa formada, tiver um bom emprego ou tiver alguma grana, você é visto como um coitadinho, como atleta, não... (E4)” (p.121). A deficiência não é só percebida do ponto de vista biológico, sobre o qual existe a possibilidade de se utilizar recursos tecnológicos para a melhoria da qualidade de vida e/ou performance esportiva, mas, como inscrita na fala do atleta, é também uma construção social.

A partir da percepção do corpo como uma construção social e da discussão da estética sobre o meio de produção da atividade humana, pode-se compreender o corpo híbrido a partir daquilo que é construído socialmente – aspectos éticos, emocionais, culturais e políticos. Frente a construções históricas de regras, sentidos e princípios, podemos elaborar e refletir sobre a realidade social, nesse caso, o esporte para pessoas com deficiência.

Considerações finais

Levantamos as teses e dissertações produzidas pelos programas de pós-graduação em educação física que se referem ao esporte paralímpico e dentre eles, selecionamos apenas trabalhos de cunho qualitativo e cujas temáticas se referem a aspectos socioculturais e pedagógicos do esporte. Como referencial de análise, utilizamos o trabalho de trabalho de Marchi Júnior³, que por sua vez, proporciona possibilidades de análises do esporte enquanto um fenômeno polissêmico e gera subsídios para se estabelecer correlações entre as diferentes dimensões e contextos pelos quais a experiência esportiva é significada. Localizamos dezesseis trabalhos e a maior parte deles (três teses de doutorado e sete dissertações de mestrado) se concentrou na Universidade Estadual de Campinas, especificamente na linha de pesquisa Atividade Física Adaptada.

Os trabalhos que atenderam os critérios de seleção deste estudo se encaixaram em três das cinco dimensões do esporte apontadas por Marchi Júnior³. Quanto à dimensão “educação”, onde a maioria dos trabalhos selecionados se encaixou, observou-se uma concentração das discussões em temas relacionados com a formação de professores; educação inclusiva e o papel formativo da escola; financiamento do paradesporto educacional e barreiras e facilitadores na formação esportiva. Uma constatação recorrente nestes trabalhos se refere a problemas oriundos da falta de capacitação dos profissionais que atuam com esporte paralímpico de alto rendimento e o desconhecimento de práticas inclusivas por parte dos professores. Esta constatação indica a necessidade de melhorias nesta direção.

Apenas um trabalho se encaixou na dimensão “espetáculo”: Marques¹. O autor explicita elementos que sustentam a hipótese de que o esporte paralímpico está se profissionalizando e que em consequência disso, tem se configurando como esporte-espetáculo. Entretanto, esta transformação tem forçado esta manifestação esportiva a se adaptar a determinadas demandas midiáticas e mercadológicas. Exemplo disto é a diminuição do número de classes em determinadas modalidades para que as competições se tornem mais dinâmicas e o esporte paralímpico mais atrativo para a mídia, público e possíveis patrocinadores. No entanto, conforme apontam Howe e Jones³⁴, se por um lado a diminuição de classes pode supostamente tornar o esporte paralímpico mais atrativo, ela pode também tornar este esporte ainda mais excludente, eliminando da competição pessoas que não se encaixam nas classes existentes. Ao se pensar a dimensão espetáculo, vale também ressaltar que a mídia possui um papel fundamental na divulgação do esporte paralímpico, bem como pode também reforçar a propagação e/ou desconstrução de estereótipos e estigmas relacionados às PCDs.

A dimensão “estética” possibilitou uma reflexão sobre o corpo a partir do entendimento de que ele é uma construção social. Ou seja, as maneiras de agir, de sentir e de se observar o outro seguem padrões socialmente preestabelecidos e refletem os modos da produção humana de uma determinada sociedade. Salientamos a necessidade de uma maior reflexão sobre como as pessoas com deficiência se veem no mundo e sobre como elas são retratadas pela mídia e tratadas pela

sociedade. A realização de práticas judicativas tende a abrir caminhos para a construção de estereótipos que estigmatizam e/ou excluem PCDs da vida social.

A visão homogeneizada sobre o fenômeno esportivo, a partir da representação hegemônica, monolítica e institucionalizada do paradesporto de alto rendimento engloba tensões, limites e desafios. Esta manifestação esportiva precisa ser estudada a partir de uma perspectiva polissêmica para que possa assim, se melhor compreendida e tenha mais condições de atender uma demanda de participação inclusiva. As dimensões de análise compreendidas neste trabalho indicam que diferentes protagonistas (alunos, professores, treinadores, espectadores, atletas, gestores) são movidos por diferentes objetivos e motivações e atribuem diferentes sentidos e significados ao esporte.

Para finalizar, vale ressaltar que observamos que houve um predomínio de pesquisas onde as análises partiram de situações ditadas pelo cotidiano observado e não propriamente de referenciais teóricos. O diálogo com bases teóricas é apresentado em apenas três dos 16 trabalhos analisados^{1,38,43}, o que indica uma lacuna na produção e uma sugestão na composição de futuros projetos de pesquisa sobre o tema. Como sugestão para estudos posteriores, destacamos também a possibilidade de se explorar o esporte paralímpico a partir de diferentes contextos, atores e dimensões que esta manifestação esportiva abriga enquanto fenômeno sociocultural na contemporaneidade.

Referências

1. Marques RFR. O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2010.
2. Castro EM. Atividade física adaptada. Ribeirão Preto: Tecmedd; 2005.
3. Marchi Junior W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*. 2015; 5(1): 46-67.
4. Elias N, Dunning E. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. A busca da excitação no lazer; p. 101-138.
5. Manoel EJ, Carvalho YM. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. *Educação e Pesquisa*. 2011; 37(2): 389-406.
6. Beltrame ALN. Centro de iniciação desportiva paralímpica no Distrito Federal: um estudo na ótica da educação inclusiva. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2013.
7. Pena LGS. O esporte paraolímpico na formação do profissional de Educação Física: percepção de professores e acadêmicos. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2013.
8. Benfica DT. Esporte Paralímpico: analisando suas (re)significações do atleta com deficiência. [Dissertação de Mestrado]. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa; 2012.
9. Patatas JM. O taekwondo como modalidade paradesportiva. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2012.
10. Florence RBP. Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2009.
11. Silva AJ. Esporte educacional e deficiência: encontros esportivos no contexto escolar. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2008.
12. Matsui R. 1º jogos escolares brasileiros da confederação brasileira de desportos para cegos: um estudo de caso. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2007.
13. Borgmann T. O ensino do esporte paralímpico na escola a partir da visão dos professores: o caso do goalball e do voleibol sentado. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2013.
14. Reis RE. Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro. [Dissertação de Mestrado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2015.
15. Carmona EK. Atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos jogos paralímpicos: cenários e memórias. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
16. Bredariol B. Modelos de projetos de natação para pessoas com deficiência visual. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2014.
17. Souza APP. Cultura esportiva: um possível legado dos jogos olímpicos e paralímpicos Rio 2016. [Dissertação de Mestrado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2015.

18. Miranda TJ. Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2011.
19. Coakley J. *Sports in Society: issues and controversies*. 9. ed. New York: McGraw Hill; 2007.
20. Wacquant L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. *Revista Sociológica e Política*. 2002; 19: 95-110.
21. Bourdieu P. O campo científico. In: Ortiz R, org. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática; 1994a, p. 122-155.
22. _____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: Ortiz R (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática; 1994b, p. 46-86.
23. Seron-Kiouranis TD, Marchi Junior W. Competições escolares nacionais: existe espaço para o esporte-educação? *Anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. [Trabalho de Congresso Online]. 2014. Disponível em <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/6055/3273> [2016 jul 28].
24. Brancht V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES; 1997.
25. Marques RFR, Gutierrez GL, Montagner PC. Novas configurações socioeconômicas do esporte na era da globalização. *Revista da Educação Física/UEM*. 2009a; 20(4): 637-648.
26. Marques RFR, Duarte E, Gutierrez GL, Almeida JJG, Miranda TJ. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Rev. bras. educ. fis. esporte*. 2009b; 23(4): 365-377.
27. Brittain I, org. *The Paralympic Games Explained*. London: Routledge; 2012. *Marketing and Disability Sport*; p. 72-90.
28. Coakley J, Pike E. *Sports in Society: Issues and Controversies*. 11. ed. Columbus: Oh: Mcgraw-hill Education [Livro na internet]; 2014. *Age and ability: Barriers to Participation and Inclusion?* p. 302-349. Disponível em: http://highered.mheducation.com/sites/0078022525/information_center_view0/sample_chapter.html [2016 ago.01].
29. Hilgemberg T. Do coitadinho ao super-herói: representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *Ciberlegenda*. 2014; 30: 48-58.
30. Hardin M, Hardin B. Elite wheelchair athletes relate to sport media. In: Gilbert K, Schantz O, org. *The Paralympic Games: empowerment or side show?* Maidenhead: Meyer & Meyer; 2008. p. 25-33.
31. Silva CF, Howe PD. The (in)validity of supercrip representation of paralympian athletes. *J Sport Soc Issues*. 2012; 36(2): 174-194.
32. Pires GL. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física/UEM*. 1998; 9(1): 25-34.
33. Betti, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência* [Periódico na internet]. 2001; 17. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929/5441> [2016 jul 31].
34. Howe PD, Jones C. Classification of disabled athletes: (dis) empowering the paralympic practice community. *Sociol Sport J*. 2006; 23: 29-46.
35. Lara LM. *O sentido ético – estético do corpo na cultura popular*. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.
36. Lipovetsky G, Serroy J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Cia das Letras; 2015.
37. Orfano BM. Corpo e estética na mídia. Uma análise do seriado *Nip Tuck* à luz da linguística de corpus. In: Souza EM, Assunção AL, Boëchat MG. *Corpo, arte e tecnologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2015. p. 97-108.
38. Novaes VS. *O híbrido paraolímpico: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas*. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2006.
39. Zoboli F, Correia ES, Mezzaroba C, Silva RI, Quaranta AM, Carvalho E. Um olímpico paraolímpico: uma análise midiática da participação de Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres 2012. In: Mezzaroba C, org, Dorenski S, Zoboli F, Quaranta AM. *As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local*. São Cristóvão: Editora UFS; 2014, p. 153-187.
40. Lemos A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina; 2002.
41. Debord G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto; 1997.

42. Goffman E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC; 2015.
43. Souza REAC. Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.
44. Silva JVP, Gonçalves-Silva LL, Moreira WW. Produtivismo na pós-graduação. Nada é tão ruim, que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos! Movimento. 2014; 20(4): 1423-1445.
45. Kunz E. Pós-graduação em Educação Física no Brasil: o fenômeno da hiperprodutividade e formação cultural. Revista Kinesis. 2012; 30(1): 1-13.
46. Cardoso VD, Gaya AC. A classificação funcional no esporte paralímpico. Conexões. 2014; 12(2): 132-146.